



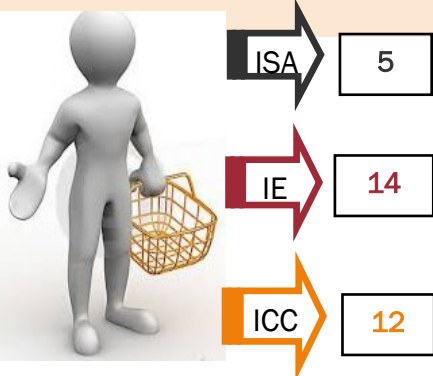
SONDAGEM DO CONSUMIDOR



Centro de Estudos e Investigação Científica (CEICin) - Instituto Superior Politécnico Metropolitano de Angola | Campus Universitário do IMETRO, 1º Andar, Edifício da Biblioteca | Web-site: www.ceicin.com | Luanda – Angola

ABRIL REGISTA MAIOR QUEDA DOS ÚLTIMOS 6 ANOS NA CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES

Índice de Confiança do Consumidor – Fev/2020
12,0



O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), medido pelo Centro de Estudos e Investigação Científica (CEICin) do IMETRO, registou no mês de Abril de 2020 uma forte queda, a maior deste o início desta sondagem em Julho de 2014. Nos 6 anos decorridos até aqui, o índice acumulou variação negativa de 55.3 pontos ao passar de 77.03, em Abril de 2015, para 12 pontos neste Abril de 2020.

O maior nível médio anual desta queda incide sobre o período de Abril de 2019 a Abril de 2020: 5 pontos, justamente o período que nos conecta à crise económica provocada pela queda internacional do preço do petróleo, e agravada pela crise socioeconómica devida à pan-

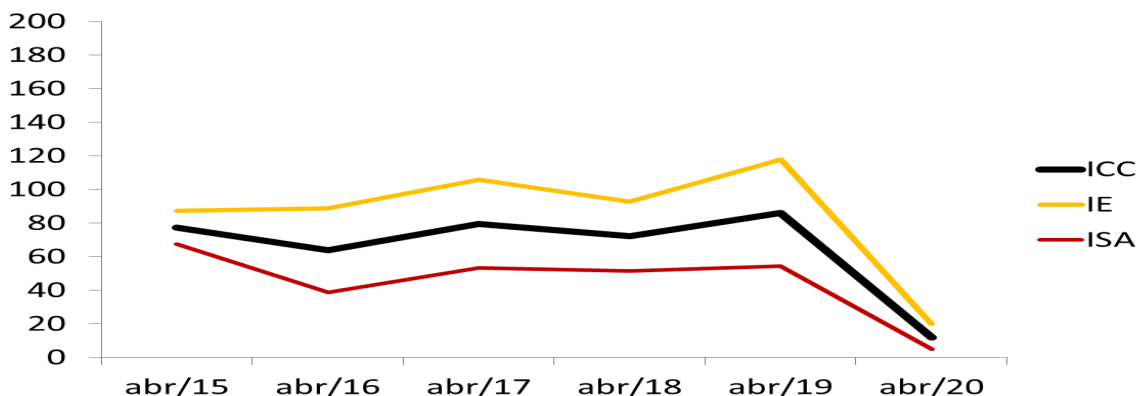
demia da COVID-19.

Esta vertiginosa queda na confiança dos consumidores, nos últimos 6 anos, tem relação de consequência com a crise socioeconómica gerada pelo Estado de Emergência (EE). Há mais de seis semanas os angolanos cumprem o confinamento social como medida de luta contra a propagação do novo Coronavírus que causa a COVID-19, sendo portanto inevitável a acentuada insatisfação no que diz respeito ao comportamento de consumo.



Fonte: Angop

Gráfico 1: Índices anuais usando abril como mes de referência



Fonte: CEICin (dados da pesquisa)

PANDEMIA, ECONOMIA, DESEMPREGO E CONSUMO

O **Índice da Situação Actual**, que mede o sentimento de confiança no presente, diminuiu dramaticamente em um ano, de 54,2 pontos em Abril de 2019 para 5 pontos neste mês, o menor desde Julho de 2019 (26,09 pontos). Já o Índice de Expectativa, que mede a confiança no futuro próximo (geralmente mais alto que o ICC e a ISA), também registou queda histórica ao passar de 123,54 pontos em Agosto de 2017, para o ponto mais baixo de apenas 14 pontos neste mês. Todos os indicadores que compõem o ICC registaram quedas consecutivas desde o início do último semestre de 2019,

contudo acentuou-se drasticamente neste mês de Abril sob a influência da crise socioeconómica gerada pela pandemia.

É importante observar que pela primeira vez a Sondagem foi aplicada aos consumidores de todo o País (Tabela 2), e os dados apurados analisados de forma comparada com os de outras instituições de referência em Angola, tais como o INE, o BNA, o FMI e o Banco Mundial. A Sondagem foi realizada integralmente pela internet, com 50% dos consumidores que responderam sendo residentes em Luanda. Comparado com as outras províncias, Luanda registou a maior queda em todos os indicadores do ICC (IE, ISA e ICC). Este dado justifica-se possivelmente no facto de o confinamento social decorrente da pandemia produzir impactos económicos imediatos e mais notáveis nesta província.

Desde o início da crise económica global que afetou drasticamente a maioria dos países petrodependentes, em finais de 2014, esta sondagem mensal acumulou oscilações consideráveis em todos os seus sub-indicadores, para baixo e para cima, em diversos períodos até esta data. Este facto, até certo ponto positivo (a oscilação determinada pelos impactos momentâneos das estratégias de melhoria económica implementadas pelo governo), poderá conhecer uma momentânea interrupção se os efeitos da pandemia sobre a economia social e o consumo forem muito graves e longos.

Tabela 2: respondentes por província (%)

ANSWER CHOICES-	RESPONSES-
-Bengo	3.23%
-Benguela	7.53%
-Bié	2.15%
-Cabinda	3.23%
-Cuando-Cubango	2.15%
-Cuanza-Norte	1.08%
-Cuanza-Sul	2.15%
-Cunene	1.08%
-Huambo	5.38%
-Huila	3.23%
-Luanda	54.84%
-Lunda Norte	2.15%
-Lunda Sul	1.08%
-Malange	1.08%
-Moxico	3.23%
-Namibe	1.08%
-Uige	4.30%
-Zaire	1.08%

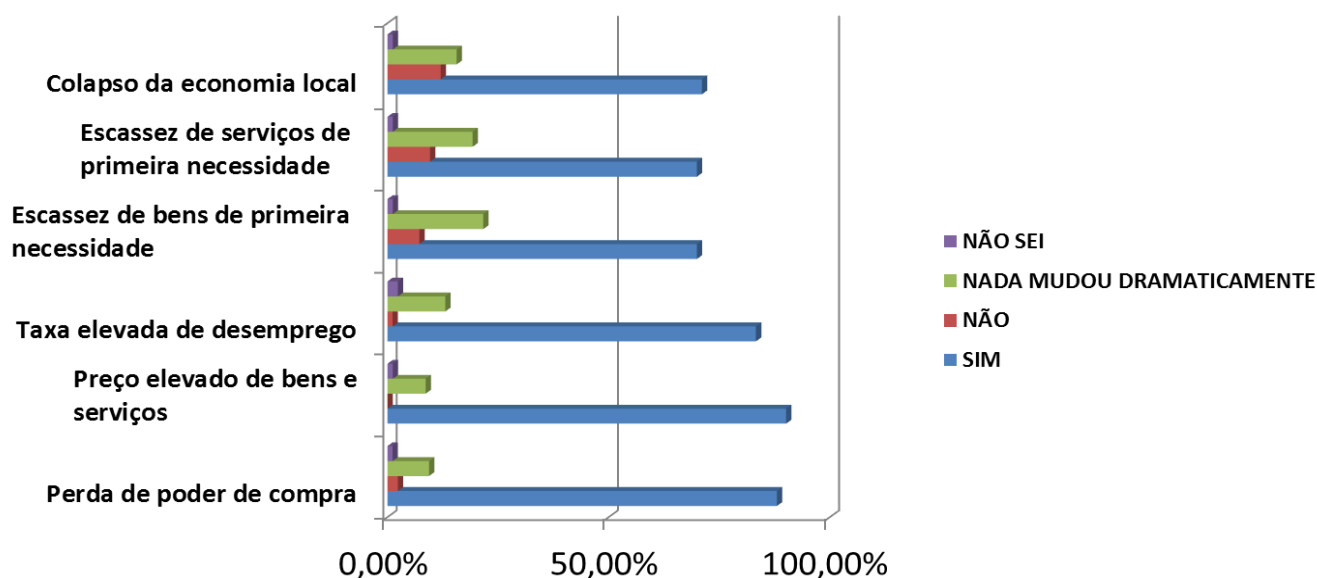
Fonte: CEICin (dados da pesquisa)



IMETRO
Business & Leadership School

PERSPECTIVAS DE CONSUMO

Gráfico 2: Qual é o impacto actual da pandemia do COVID-19 na vida do consumidor Angolano?



Fonte: CEICin (dados da pesquisa)

Com a COVID-19 tornou-se inevitável prever dificuldades de retomada do ânimo para o consumo, situação que gera imensa ansiedade no sector produtivo nacional e também entre os agentes importadores. Neste cenário tornou-se mais difícil projectar a recuperação da confiança num horizonte determinado, justamente porque uma das características deste pandemia, responsável pela maior crise socioeconómica do momento, é a incerteza quanto ao seu controlo e eliminação definitiva.

Ninguém sabe quando a pandemia será vencida e seus nefastos impactos eliminados. Por isto, a única coisa que se pode prever com segurança é que por causa tanto da queda em curso do PIB, da desaceleração económica que se regista nos últimos 5 anos, quanto do aumento do desemprego em situação de pandemia, continuará a verificar-se pressão negativa no sentimento dos consumidores, o que consequentemente afetará de forma negativa, cada vez mais, os níveis de consumo de bens e serviços não essenciais em Angola.

80% dos consumidores que responderam esta Sondagem consideram que a economia de suas cidades/regiões (= economia local) está a entrar em declínio por causa da crise social e económica provocadas pela COVID-19 (Gráfico 2).



PRESENTE E FUTURO DA ECONOMIA

Com 4.059.369 casos de corona vírus e 277.973 mortes em todo o mundo, à data do fecho de dados desta Sondagem, as perspectivas para a economia mundial, especialmente para os países em desenvolvimento como Angola, tornaram-se mais ainda sombrias.

O Banco Mundial, que revisou a previsão do crescimento médio da economia mundial em 2020 para 2,5%, e prevê a aceleração de uma recessão que só estava prevista para 2021-2022, tem anunciado que os três próximos anos serão muito difíceis para todos os países em decorrência dos efeitos da pandemia. Tem por isto recomendado que as economias de mercados emergentes e em desenvolvimento, como é a de Angola, reconstruam o seu próprio espaço de políticas macroeconómicas que sejam robustas o suficiente para ampliar a resiliência contra choques adversos, como o agora provocado pelo novo Coronavírus.

Com efeito. Antes da pandemia o governo angolano já andava a enfrentar uma fraca recuperação do choque causado pela crise ini-



ciada em 2014. Em Fevereiro, o FMI alterou a taxa prevista de crescimento do PIB angolano em 0,9%, fixando-a agora em 1,4% (contra os 1,5% anterior) neste ano, por causa da baixa do preço do petróleo e do espaço muito limitado que o país se dispõe para receita fiscal. O grau de endividamento do país tem preocupado analistas e formuladores de políticas de desenvolvimento. Segundo dados da agência *Trading Economics*, a dívida do governo angolano em relação ao PIB atingiria 130% até o final de 2020 (Gráfico 3), podendo entretanto ser maior por causa da tendência crescente de queda do preço internacional do petróleo — o que, sem dinheiro, forçará o governo a endividar-se ainda mais. Analisados em conjunto, todos estes factores agravam mais ainda o impacto da COVID-19 sobre a economia nacional, dificultando o enfrentamento adequado da crise económico-financeira pelo qual o país está a passar (Continuação na página 6).

Gráfico 3: Dívida do Governo de Angola em relação ao PIB 2010 - 2020



Fonte: CEICin (dados compilados do TRADINGECONOMICS.COM & BANCO AFRICANO DE DESENVOLVIMENTO)

RENDA E CONSUMO EM QUEDA

“As restrições de mobilidade humana produzidas pelo EE sanitária não apenas limitaram o consumo de mercadorias não essenciais em geral, mas afetaram também a capacidade de geração de renda no sector informal da economia”

A queda no consumo das famílias em Angola nos últimos anos resultou, primeiro, da crise financeira global gerada pela baixa do preço internacional do petróleo, e agora agravada pelo estado de emergência que impõe restrições ao movimento dos cidadãos. Sem mobilidade para melhorar renda nos negócios informais, os cidadãos deixaram de consumir, restringindo os gastos apenas em bens e serviços essenciais.

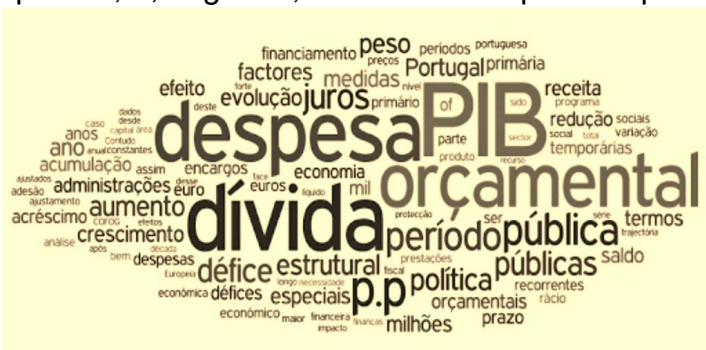
Além disto, dois outros factores constroem o consumo das famílias angolanas, a saber: a baixa expectativa de renda futura, principalmente para os trabalhadores da economia de serviços que atuam com base em contratos de curto prazo, bem como os trabalhadores da economia informal, os mais pobres; e, segundo, a erosão da riqueza espe-

resiliência é por isso insignificante se comparada com a desses países, especialmente para as demandas de soluções à curto prazo.

Em termos de economia de consumo o país depende do sector informal, que contribui com mais de 75% de toda a produção económica e financeira. Logo, as restrições de mobilidade humana produzidas pelo EE sanitária não apenas limitaram o consumo de mercadorias não essenciais em geral, mas afetaram também a capacidade de geração de renda no sector que comanda a economia do consumo: o mercado informal. Com isto, o consumo nacional neste período entrou praticamente em queda livre.

IMPACTO NOS INVESTIMENTOS E NEGÓCIOS

Por outro lado, o sentimento negativo dos investidores está a causar turbulência nos mercados de capitais em quase todo o mundo. Neste contexto o investimento estrangeiro, do qual o país depende para capacitar o seu desenvolvimento económico, passa a ser inibido também pelas incertezas devidas ao conhecimento ainda limitado que se tem da pandemia, mormente do tempo que levará para ser controlada, a eficácia das medidas políticas para a sua contenção, assim como a reação dos agentes económicos a todas essas medidas. Por causa de todas estas incertezas, muitas empresas estão a ver-se forçadas a adiar decisões de investimento no curto e até médio prazos.



rada como resultado do declínio de outros tipos de activos, como os rendimentos bancários, as acções e o património líquido. É matéria de consenso que a economia angolana encontra-se apenas em fase de expansão, situando-se ainda longe do estágio de maturidade que têm os países mais avançados em economia de mercado. A sua capacidade de

“Do petróleo aos diamantes, Angola espera acumular imensas perdas em receitas de exportação, que por sua vez levará à falta de liquidez em divisas internacionais para suportar as importações de que depende a economia de mercado de Angola”.



Por outro lado, no contexto da pandemia as compras governamentais aumentarão em vários países à medida em que os governos, que normalmente podem administrar défices orçamentários, utilizem medidas de estímulo fiscal para combater a queda no consumo dos cidadãos. No entanto, para os governos cuja receita depende da importação e comércio de mercadorias produzidas ou importadas, a queda na demanda global por mercadorias, provocada pela pandemia, elevará significativamente os seus défices fiscais.

No caso de Angola, note-se que enquanto o preço do petróleo Brent era de pouco mais de US\$ 26 por barril no dia 9 de Maio, o OGE no mesmo período assumia ainda um preço de US\$ 55 por barril. Como se vê, o espaço de manobra e/ou resiliência para contornar os problemas económicos de curto prazo é muito reduzido. Obriga decisões de risco assombroso para produzir a confiança que os cidadãos precisam para continuar a consumir. Levemos

ainda em conta o facto de que há já algum tempo que o défice orçamental em Angola vem flutuando substancialmente.

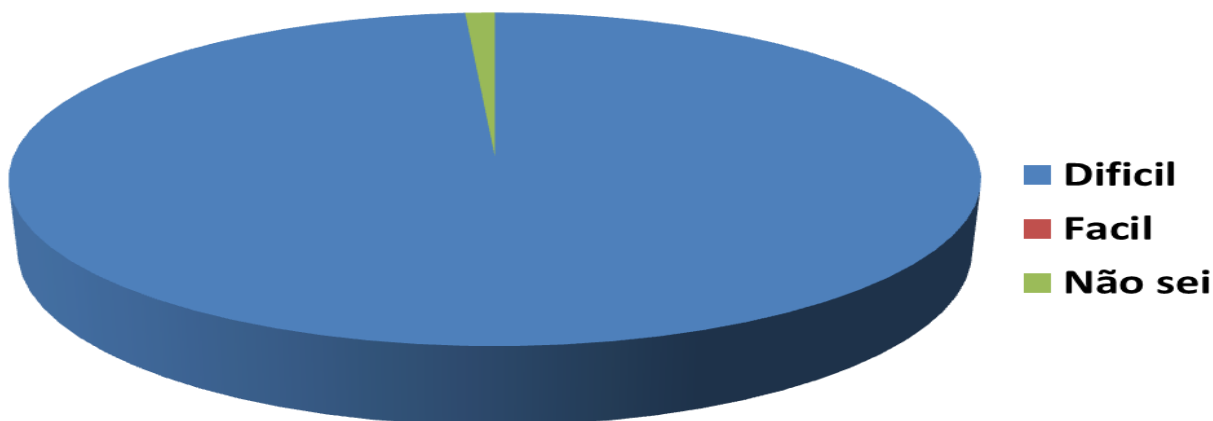
Análise recente do FMI indicou que esse défice teve tendência decrescente entre 2000-2019, fechando em 240,22 bilhões de Kwanzas em 2019. Mas se eleva agora em 2020 com o advento da COVID-19, adicional a crise provocada pela queda acentuada do preço do petróleo nos mercados internacionais.

Da mesma forma, com o petróleo representando 90% das exportações de Angola, factores como o declínio na demanda internacional do petróleo, a baixa dos preços do crude, a interrupção das cadeias globais de suprimentos em virtude da pandemia, entre outros, afetarão adversamente o volume e o valor das exportações líquidas. Logo, do petróleo aos diamantes Angola espera acumular imensas perdas em receita de exportação, que por sua vez levará a falta de liquidez em divisas internacionais para suportar as importações de que depende a economia de mercado de Angola.



DESEMPREGO EM ALTA

Gráfico 4: Conseguir emprego neste momento é...



Fonte: CEICin (dados da pesquisa)

Tal como evidenciado neste gráfico, 90% dos consumidores entrevistados nesta sondagem afirmaram que neste momento ficou muito difícil conseguir emprego no país, assim como ficou muito fácil perder o emprego no contexto da pandemia. Este sentimento é compatível com a realidade internacional se levarmos em conta o que está a acontecer em vários países.

vindo a provocar o fechamento de milhões de empresas e um contínuo despedimento de trabalhadores (de forma permanente ou temporária). De acordo com as estimativas da OIT mais de 24 milhões de empregos podem já ter sido perdidos em todo o mundo e vários milhões de postos de trabalho serão ainda perdidos no pós-Covid-19, como consequência da pandemia.



Dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), uma agência das Nações Unidas, indicam que um total de 81% da força de trabalho global, que é de 3,3 bilhões de pessoas, teve seu local de trabalho total ou parcialmente fechado nos primeiros quatro meses deste ano. Além da pouca ou nenhuma produção de diversos tipos de bens e serviços, o facto tem

No caso de Angola, a Folha de Informação Rápida (FIR) do Inquérito ao Emprego em Angola (IEA), divulgada no dia 4 de Março de 2020, a taxa de desemprego na população com 15 ou mais anos de idade aumentou para 31,8%, face aos 30,1% estimados para o terceiro trimestre deste ano. A população desempregada com 15 ou mais anos situa-se agora em 4.627.158 de pessoas, 356.053 a mais do que no terceiro trimestre de 2019, um aumento de 8,3%.

A percepção deste aumento real de desemprego por parte dos cidadãos, cerca de 2% maior do que o previsto para o primeiro trimestre de 2020, portanto no contexto da pandemia, parece consolidar esse sentimento de insegurança dos 90% de consumidores insatisfeitos com o futuro do emprego em Angola. As perspectivas de melhoria de consumo, e a motivação para consumir mais no presente, ficam assim igualmente gouradas como resultado do impacto da Covid-19 sobre o emprego.



O impacto económico do desemprego sobre o consumo durante o período de pandemia, e depois dela, poderá assumir contornos diferenciados para os diferentes extratos de consumidores em Angola. Os dados do órgão acima citado referem que as mulheres continuam a serem as mais afectadas pelo desemprego do que os homens em Angola, isto é, cerca 33,5% contra os 30,0% de homens. Por outro lado, a taxa de desemprego 42,6% maior nas áreas urbanas, cerca de três vezes superior à da área rural, que é de 17,0%.

Espera-se que com a pandemia estas taxas venham a aumentar significativamente na mesma proporção quanto ao género, mas com maior elevação nas cidades do que no campo por causa do declínio da actividade empresarial baseada nos contextos urbanos. Nestes, o impacto será maior sobre as pessoas que trabalham no “sector informal”, não apenas em virtude do confinamento, mas também da escassez de produtos importados que condicionam o comércio informal em ocupa uma boa parte da força de trabalho em Angola (Cf. Observador, 2020).

Os resultados apurados nesta Sondagem confirmam a consciência já consolidada dos

cidadãos de quão imensos são os desafios que o país terá de vencer para ultrapassar os problemas que afetam a situação social dos trabalhadores, por um lado, e a satisfação dos cidadãos para o consumo, por outro. Como evitar demissões em massa por parte das empresas e do sector produtivo? Que tipo e extensão de proteção social tem de ser mobilizada em favor daqueles que perderam ou perderão o emprego, e em prol da população mais vulnerável em geral? Que iniciativas soberanas estão a ser implementadas e perspectivadas para estimular a criação de empregos durante e após a pandemia? Enfim, a pandemia causada pelo novo Coronavírus terá em Angola um impacto de grandes proporções negativas, o que certamente desafia o governo a trabalhar com grande responsabilidade, perspicácia e sentido de Estado para minimizar os efeitos nefastos de tais impactos e sua duração no tempo.



IMETRO
Business & Leadership School

Campus Universitário do Instituto Superior Politécnico Metropolitano de Angola

Morro Bento II | Condomínio Omnen Intellegenda, Casa 1, Direta

Telefone: +244 913 020 714 | Correo eletrónico: eln_oi@gmail.com

REFERÊNCIAS E NOTAS FINAIS

REFERÊNCIAS

- Banco Mundial (2020). January 2020 Global Economic Prospects: Slow growth, policy challenges. Visitado em 10/05/2020 em <https://www.worldbank.org/en/news/feature/2020/01/08/january-2020-global-economic-prospects-slow-growth-policy-challenges>
- Browning, M., Crossley, T. F., and Winter, J. (2014). The Measurement of Household Consumption Expenditures. *Annual Review of Economics*, 6(1):475–501.
- Chetty, R. and Szeidl, A. (2007). Consumption Commitments and Risk Preferences. *The Quarterly Journal of Economics*, 122(2):831–877.
- Davis, S. J. and von Wachter, T. (2011). Recessions and the Costs of Job Loss. *Brookings Papers on Economic Activity*, 43(2, Fall):1–72.
- FMI (2020). Angola At a Glance. Visitado em 10/05/2020 em <https://www.imf.org/en/Countries/AGO>
- Friedman, M. (1957). A Theory of the Consumption Function. National Bureau of Economic Research, Inc.
- ILO (2020). The ILO's policy framework to respond to the COVID-19 crisis. Visitado em 10/05/2020 em https://www.ilo.org/global/topics/coronavirus/impacts-and-responses/WCMS_739047/lang--en/index.htm
- INE (2020). Folha de Informação Rápida Sobre o Inquérito ao Emprego em Angola - IEA II Trimestre 2019. Visitado em 10/05/2020 em <https://www.ine.gov.ao/publicacoes/31-populacao-e-sociedade/708-iea>
- Jappelli, T. and Pistaferri, L. (2010). The Consumption Response to Income Changes. *Annual Review of Economics*, 2(1):479–506.
- Kaplan, G. and Menzio, G. (2015). Shopping Externalities and Self-Fulfilling Unemployment Fluctuations. *Journal of Political Economy*, forthcoming.
- Mankiw, N. G. (1985). Small Menu Costs and Large Business Cycles: A Macroeconomic Model. *The Quarterly Journal of Economics*, 100(2):529–38.
- Observador (2020). Taxa de desemprego em Angola aumentou para 31,8% no último trimestre de 2019. Visitado em 10/05/2020 em <https://observador.pt/2020/03/04/taxa-de-desemprego-em-angola-aumentou-para-318-no-ultimo-trimestre-de-2019/>
- Trading Economics (2020). Angola GDP Growth Rate. Visitado em 10/05/2020 em <https://tradingeconomics.com/angola/gdp-growth>
- Worldometers (2020). COVID-19 CORONAVIRUS PANDEMIC. Visitado em 10/05/2020 em <https://www.worldometers.info/coronavirus/>

NOTAS FINAIS

- O seguintes factores podem estar na base deste resultado: 1) Luanda é a província mais populosa do país (cerca de 45% da população do país); 2) os habitantes de Luanda têm maior acesso aos serviços de acesso a Internet de banda larga, disponibilizados por diversos provedores; 3) Luanda tem vindo a ser o campo privilegiado e exclusivo de aplicação desta Sondagem, havendo portanto milhares de leitores que reconheceriam o mérito de participar da sondagem.
- Tradingeconomics.com | Banco Nacional de Angola. Consultado aos 27 de Maio de 2020
- Geralmente, a dívida do governo como percentagem do PIB é usada pelos investidores para medir a capacidade de um país efectuar pagamentos futuros sobre sua dívida, afectando assim os custos de empréstimos do país e o rendimento dos títulos do governo.
- Cf. FMI (2020). Angola. <https://www.imf.org/en/Countries/AGO>. Consultado aos 27 de Maio de 2020.

MISSÃO

“Produzir, promover e difundir conhecimento, contribuindo na capacitação de pessoas e no desenvolvimento social e económico de Angola”

Centro de Estudos e Investigação Científica – CEICIN do Instituto Superior Politécnico Metropolitano de Angola | **Direcção:** Prof. Doutor Zakeu A. Zengo (Director Geral); Prof. Doutor Francisco Kapalu (Director Técnico) | **Assistente de Pesquisa:** Denise António | Campus Universitário do IMETRO, 1º Andar, Edifício Biblioteca | **Web-site:** www.ceicin.com

OUTRAS SONDAGENS E PUBLICAÇÕES DO CEICIN

Barómetro de Conjuntura Socioeconómica
Observatório do Petróleo
Sondagem da Inflação




IMETRO
A Marca da Educação Instituto Superior Politécnico Metropolitano de Angola

PÓS-GRADUAÇÃO
INSCRIÇÕES ABERTAS



ESCOLHA ENTRE CARREIRAS VALORIZADAS NO MERCADO

- Finanças Empresariais
- Gestão Pública e Desenvolvimento Local
- Gestão e Administração de Instituições de Ensino Superior

Omnem Intellegenda
Project Management

Central de Atendimento:
+244 935 304 593 e 937 671 889
Email: cursosposgraduacao.imetro@gmail.com

PARCEIROS:



CENTRO DE ESTUDOS E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Instituto Superior Politécnico Metropolitano de Angola

Campus Universitário do Morro Bento II, 1º andar | Edifício da Biblioteca

Tel: +244 222 779 731 | Tel: +244 913 020 714 | Correio electrónico: info@ceicin.com